

Bofetões no rosto

25 — 11 — 1957

"(...) Em anexo, restituo-te a carta do nosso, que me enviaste, em caráter confidencial. Muito grato pela tua bondosa confiança.

O conteúdo da missiva muito me comoveu e embora respeite com veneração a consulta do nosso estimado, a experiência ensina-me a pensar de outro modo.

Convidar alguém para vir aqui ou promover medidas tendentes a convencer esse alguém que ele está sendo convidado a vir, seria envolver-nos em promessas que não podemos cumprir. A comunicação dos entes amados deve ser absolutamente espontânea e, sendo assim, se o nosso amigo de São Paulo (citado pelo) merece esse conforto pessoal, não precisaremos procurar determinado médium, por que lá mesmo, na Capital Paulista, os nossos Benfeitores do Alto dispõem de recursos mediúnicos para fazê-lo.

Muitos amigos nossos têm trazido aqui pessoas de alta condição social como se eu as tivesse convidado para receber mensagens desse ou daquele parente desencarnado e como as mensagens não vêm com facilidade, na maioria das vezes, o resultado para todos nós é o desapontamento e a mágoa maior. De semelhantes iniciativas, que nunca

promovi, tenho colhido lições amargas, inclusive a de ter apanhado bofetões no rosto, por quatro vezes diversas, nestes meus trinta anos de mediunidade ativa, agressões essas que partem de pessoas naturalmente obsidiadas ou enfermas, para as quais não pude receber a palavra de afeições queridas do Além. Assim julgo, de vez que, se não estivessem doentes, teriam tido outro procedimento, porquanto nunca chamei qualquer pessoa a PL e de todas as que já vieram nunca pedi favor algum, nem mesmo o da compreensão.

Creio seja melhor aconselharmos ao entregar o amigo a que ele se refere a Nosso Senhor Jesus-Cristo, por intermédio da oração silenciosa, pois só Jesus pode interferir num caso assim em que o enfermo espiritual está premiado por tantos dotes de inteligência e recursos materiais.

Que Deus nos proteja e abençoe a todos e nos ajude a ver o nosso irmão de São Paulo procurando a Doutrina Espírita, como qualquer um de nós, sem ser por ela cortejado, o que lhe agravaria os problemas de ordem moral.

Grande abraço do teu de sempre, Chico.

(Nota do médium: "Seria importante informar ao que, segundo notícias de São Paulo, há notáveis sessões de materialização no "Centro Espírita Padre Zabeu" e num grupo espírita de Interlagos, na Capital de São Paulo. Abraços do Chico.")

Estamos diante de um dos textos mais chocantes dessa correspondência, mas também um dos mais ricos e que nos ensina profundas reflexões.

Chico toma conhecimento de uma carta que lhe é enviada por Wantuil de Freitas, escrita por Deduz-se que o missivista programava levar alguém até Chico Xavier, para que este recebesse notícias de entes queridos daquela pessoa.

Chico, então, fala de suas experiências.

No terceiro parágrafo, reporta-se a um dos mais freqüentes problemas que ele próprio enfrenta: o daqueles que vão à sua procura absolutamente certos de que basta estarem próximos ao médium para que recebam notícias de seus entes queridos. Outros julgam que é só dar o nome, ou que bastaria ao Chico a boa vontade de se concentrar e pedir aos desencarnados que venham ao seu encontro, para que isso aconteça. E quando tal não ocorre, quando se certificam de que não veio mensagem alguma atendendo aos seus pedidos e/ou às suas preces, revoltam-se e sofrem duplamente.

Poucos têm noção de Espiritismo e é até normal que não compreendam o mecanismo das comunicações. Mas, o que surpreende é o número daqueles que se dizem espíritas e que têm o mesmo tipo de comportamento. Nesse caso, julgam-se *merecedores* (e talvez muitos o sejam mesmo), razão pela qual ficam descrentes e desiludidos quando não conseguem o que pretendem. Alguns até concluem que se Fulano recebeu uma carta do filho desencarnado é porque houve proteção ou preferência por parte de Chico Xavier.

Pela natureza do seu trabalho, na fase atual, Chico está sujeito a tais problemas.

Examinemos de novo esse tópico: "Convidar alguém para vir aqui ou promover medidas tendentes a convencer esse alguém que ele está sendo convidado. a vir, seria envolver-nos em promessas que não podemos cumprir. A comunicação dos entes amados deve ser absolutamente espontânea e, sendo assim, se o nosso amigo de São Paulo (citado pelo) merece esse conforto pessoal, não precisaremos procurar determinado médium, porque lá mesmo, na Capital Paulista, os nossos Benfeitores do Alto dispõem de recursos mediúnicos para fazê-lo."

Chico deixa claro que não promete nada.

Todo o fenômeno mediúnico depende dos Espíritos para que se realize. Allan Kardec, em várias ocasiões, menciona a circunstância de que o médium não pode prometer que irá produzir esse ou aquele fenômeno, pois isto depende da vontade e aquiescência dos Espíritos.

Tudo deve ser espontâneo. É o caminho certo e prudente.

Outro ponto digno de menção é a afirmativa de Chico, de que se essa pessoa merecesse o conforto pessoal ela o obteria lá mesmo onde reside, através de outros médiuns. E enuncia uma grande verdade: que os Benfeitores Espirituais têm condições para fazê-lo, em qualquer lugar.

No tópico seguinte ele menciona, inicialmente: "Muitos amigos nossos têm trazido aqui pessoas de alta condição social como se eu as tivesse convidado para receber mensagens desse ou daquele parente desencarnado e como as mensagens não vêm com facilidade, na maioria das vezes, o resultado para todos nós é o desapontamento e a mágoa maior." Como se vê, Chico acaba passando como se ele próprio tivesse feito os convites, o que o coloca em situação difícil. Acresce o detalhe significativo da posição social elevada, o que pode levar a uma conclusão de que tais pessoas deveriam merecer deferências não apenas de Chico Xavier, mas também dos Espíritos.

E o que têm resultado para Chico Xavier essas iniciativas? Ele é quem narra: "De semelhantes iniciativas que nunca promovi, tenho colhido lições amargas, inclusive a de ter apanhado bofetões no rosto, por quatro vezes diversas, nestes meus trinta anos de mediunidade ativa, agressões essas que partem de pessoas naturalmente obsidiadas ou enfermas, para as quais não pude receber a palavra de afeições queridas do Além."

Como é chocante e ao mesmo tempo comovente esse relato. É a "mediunidade gloriosa" de que nos fala Léon Denis:

"Os médiuns do nosso tempo são muitas vezes tratados com ingratidão, desprezados, perseguidos. Se, entretanto, num golpe de vista abrangermos a vasta perspectiva da História, veremos que a mediunidade, em suas várias denominações, é o que há de mais importante no mundo. (...)

"Magnífica é a sua tarefa (dos médiuns), ainda que freqüentes vezes dolorosa. Quantos esforços, quantos anos de expectativa, de provanças e de súplicas, até chegarem a receber e transmitir a inspiração do Alto. São muitas vezes recompensados unicamente com a injustiça. Mas, operários do plano divino, rasgaram o sulco e nele depositaram a semente donde se há de erguer a seara do futuro.

"Caros médiuns, não desanimeis; furtai-vos a todo desfalecimento. Elevei as vistas acima deste mundo efêmero, atraí os auxílios divinos. Suplantai o "eu"; libertai-vos dessa afeição demasiado viva que sentimos por nós mesmos. Viver para outros — eis tudo! Tende o espírito de sacrifício. Preferi conservar-vos pobres, a vos enriquecerdes com os produtos da fraude e da traição. Permanecei obscuros, de preferência a traficardes com os vossos poderes. Sabei sofrer, por amor ao bem de todos e para vosso progresso pessoal. A pobreza, a obscuridade e o sofrimento possuem seu encanto, sua beleza e magnitude: é por esse meio que, lentamente, através das gerações silenciosas, se acumulam tesouros de paciência, de energia, de virtude, e que a alma se desprende das vaidades materiais, se depura e santifica, e adquire intrepidez para galgar os escabrosos cimos.

"No domínio do Espírito, como no mundo físico, nada se perde, tudo se transforma. Toda dor, todo sacrifício é um desabrochar do ser. O sofrimento é o misterioso operário que trabalha nas profundezas de nossa alma, e trabalha por nossa elevação. Aplicando o ouvido quase escutareis o ruído de sua obra. Lembrai-vos de uma coisa: é no terreno da dor que se constrói o edifício de nossos poderes, de nossa virtude,

de nossas vindouras alegrias." ("No Invisível", caps. XXV e XXVI, 3ª parte.)

E não é essa a vivência de Chico Xavier?

O exemplo de vida que ele lega a todos nós é, talvez, a sua maior obra. É o monumental livro, conforme nos referimos em nossa Apresentação, que ele escreve página a página, dia após dia, minuto a minuto, registrando com suor e lágrimas a sua trajetória terrena.

Alguém se lembrará de dizer, supomos, que estamos querendo santificar o Chico e que ele comete erros e tem lá as suas falhas.

Mas, não. Não pretendemos santificá-lo. Compreendemos tenha também o nosso Chico algumas das fraquezas humanas, que certamente luta por superar.

Reconhecemos nele, isto sim, o exemplo dignificante da vida, o espírita-cristão por excelência que soube viver integralmente a mediunidade com Jesus.